

## **A carência formativa e a precarização no trabalho docente**

Márcio Norberto Farias – UFSCar/Unesp-Araraquara

Neste breve relato de experiência, tratarei de um tema que tem me preocupado desde o início da carreira docente no ensino superior, que é a questão da formação dentro da concepção defendida pelos autores da Escola de Frankfurt, em especial de Theodor Adorno (2000) na obra *Educação e Emancipação*. Pretendo destacar como este referencial teórico tem me auxiliado a pensar a idéia de formação (*Bildung*) na minha atuação como docente. Apesar disso, noto uma grande dificuldade na elaboração e execução das propostas pedagógicas diante da fragmentação do trabalho docente, pois as trocas freqüentes de professores nos quadros das escolas e universidades restringem a possibilidade que tanto docentes quanto alunos façam a auto-reflexão crítica em relação a questão formativa.

Desde o início da graduação em Educação Física já me imaginava como um professor universitário. Pensando assim, integrei o Programa Especial de Treinamento - PET<sup>1</sup> que tinha como finalidade qualificar os alunos como futuros docentes nas universidades brasileiras. Ao longo desse período, também participei ativamente do movimento estudantil por meio do Centro Acadêmico, do DCE e da Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física. Ambos, PET e Movimento Estudantil, ofereceram condições objetivas para o meu desenvolvimento no campo científico e político. O fato de me envolver nas discussões sobre os rumos da área foi, sem dúvida, uma grande oportunidade para pensar a minha própria condição de estudante. Foram muitas viagens para as regiões nordeste, sudeste e sul brasileiro, tendo como destino sempre as universidades públicas onde eram organizados congressos, encontros e reuniões junto com colegas de todas as partes do Brasil.

Embora a idéia básica fosse estimular a participação acadêmica dos estudantes nas políticas públicas que definiam o futuro da profissão, já eram visíveis algumas questões que causavam preocupação:

- Uma delas, dizia respeito a uma espécie de “carreirismo”, em que alguns alunos demonstravam preocupação demasiada e quase que exclusiva com a produção de currículos pessoais sem o necessário envolvimento com questões coletivas.
- Outra questão estava relacionada a um domínio do poder individual sobre os interesses estudantis, muitas vezes amparados por determinados interesses de partidos políticos;
- Por fim, já era perceptível a falta de aprofundamento nas discussões que embasavam as atitudes tomadas por boa parte dos envolvidos.

Em meio a tudo isso, havia a oportunidade de fazer muitos amigos que também manifestavam as mesmas preocupações e que tentavam seguir adiante com a tarefa de tentar transformar as relações que estavam sendo estabelecidas.

Já na condição de professor no ensino superior, a preocupação em ser um educador ganhou ainda mais relevância, principalmente porque fui contratado para lecionar uma disciplina da qual não me sentia suficientemente preparado, no caso a

---

<sup>1</sup> Recentemente, em 2002, essa nomenclatura foi alterada para Programa de Educação Tutorial.

disciplina de “Filosofia e Ética Geral”. Ali percebi uma distância entre aquilo que dizia para os alunos e o que estava praticando como professor. O ponto de maior dificuldade foi assumir o papel docente quando ainda pairavam dúvidas sobre a minha própria formação humana, ou seja, como formar professores em um curso de licenciatura quando eu não estava convicto o suficiente para enfrentar as aulas como docente?

Ao mesmo tempo, esta primeira experiência docente inaugurou um novo horizonte a ser desbravado, que era o conhecimento filosófico aplicado à educação física sob a perspectiva de alguém que não era graduado em filosofia. Neste conflito entre a vontade de realizar um bom trabalho e a necessidade de buscar um maior embasamento teórico, resolvi prestar um novo vestibular até para legitimar minha ação docente.

Assim, busquei a graduação em Filosofia acreditando que ela supriria as dificuldades que vinha enfrentando como professor. Minha situação era bastante inusitada, afinal era professor em uma instituição e, ao mesmo tempo, aluno em outra. Mas foi justamente isso que me deu condições de analisar a questão do ensino sob duas perspectivas e áreas diferentes. Com o passar do tempo, obtive cada vez mais confiança na minha prática pedagógica embora permanecesse com muitas indagações e conflitos sobre o melhor modo de enriquecer a minha formação e a dos alunos.

Além das aulas que já havia assumido, fui convidado a lecionar em duas outras cidades, distantes a 130 e 170 km respectivamente da localidade onde residia, mas em direções opostas. Diante da oportunidade de ampliar minha renda mensal, aceitei prontamente o desafio. O primeiro trajeto era percorrido em 180 minutos (ida e volta), ou seja, saía cedo, lecionava e voltava todas as sextas-feiras num sentido e mais tarde percorria 2 horas no outro sentido. Conclusão, viajava quase 500 km num único dia para trabalhar como professor em nível universitário. Na mesma proporção em que havia o estímulo financeiro, também havia o desgaste físico e intelectual causando sérios prejuízos na qualidade das aulas que ministrava. Não demorei para notar que aquilo não fazia sentido e que, portanto, deveria diminuir o ritmo de trabalho. Dessa experiência, permaneceu uma grande dúvida sobre o papel dos professores que têm uma jornada extenuante e relativamente precarizada; e a lembrança de que tal jornada foi motivada pelo medo de ser descartado a qualquer momento, por isso quanto mais assumia disciplinas em lugares diferentes mais difícil era dar conta delas.

Como se isso não fosse o suficiente, era obrigado a enfrentar situações delicadas junto aos proprietários das instituições onde lecionava, que exigiam qualidade nas aulas sem oferecerem condições dignas para isso. Além disso, alguns alunos careciam de maturidade para enfrentar aquele nível de ensino, pois não demonstravam grande interesse pelas disciplinas que eu ministrava. Em certa ocasião, vi cenas de pura barbárie tais como, alunos que davam rasteiras quando um colega passava para a simples diversão dos demais ou, então, dois alunos trocaram tapas na cara com a boca cheia d’água só pra ver quem agüentava mais pancadas. Também presenciei atitudes de desprezo quando jogavam bolinhas de papéis uns contra os outros ou até na minha direção para desviar dos assuntos que estavam sendo tratados. Sendo que o que mais causou espanto foi a pergunta ingênua de um aluno sobre a real necessidade da leitura no curso de Educação Física. Sequer imaginei que alguém pudesse suspeitar da importância da leitura ou do estudo de textos científicos. Porém, tal questionamento revelava algo maior, como a carência de preparação para o ensino superior. Minha hipótese era de que muitos deles não dominavam a leitura e a escrita elementar o que, suponho, era um impedimento para

prossegurem na sua própria formação. Qualquer problema apresentado denunciava a carência formativa de ambos, professor e aluno. Vencer essa barreira não era uma simples questão de compreensão das idéias, mas sim de ausência de disposição para o entendimento das palavras e dos conceitos chaves. Daí o sobre esforço para explicar questões complexas para os alunos e, ao mesmo tempo, perceber os motivos de uma espécie de recusa em se dedicarem aos trabalhos acadêmicos de forma franca e aberta. No fundo, as fragilidades apresentadas se coadunavam com as minhas próprias, haviam falhas de ambos os lados ainda que estivesse imbuído da melhor das intenções.

Na perspectiva adorniana, a educação para a sensibilidade deveria ser algo que norteasse as ações educativas, no sentido de não só adaptar os indivíduos mas também para estimulá-los a criarem suas alternativas em busca de autonomia. As duas dimensões da educação, a adaptação e autonomia, deveriam ser desenvolvidas em todos os níveis de ensino. A primeira, a adaptação é necessária para colocar o indivíduo na tradição da sua cultura, herdando os aspectos que identificam sua história com a de outros indivíduos. Sua característica principal é preservar aquilo que a humanidade produziu de bom e que deve ser mantido para as gerações futuras. A segunda, a autonomia seria importante para criticar os traços culturais que se fazem necessários. Educar para a autonomia significa estimular o pensamento crítico e reflexivo que avalie a produção da vida cotidiana e denuncie seus prejuízos.

Neste sentido, o trabalho do professor seria manter a tensão entre os dois momentos, o adaptativo e o autônomo, nas aulas em que ele é responsável. Sua função é ensinar os elementos tradicionais, mas preparando os seus alunos para ganharem independência da mesma sociedade que os engendra. Nesse embate, não há um lado vencedor, nele, professor e aluno ficam marcados para sempre ou pelo menos até quando puderem reelaborar e auto-refletir as conseqüências desse processo. Este trabalho é primeiro momento na direção de tal reelaboração.

## Bibliografia

ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. Traduzido por Wolfgang Leo Maar. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_, **Mínima Moralía**: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bicca e revisão de Guido de Almeida. São Paulo: Ática, 1993.